

06/01/2015 - 05:00

## A renda dos pais indica seu futuro?

Por **Morten Olsen**

Como ilustrado brilhantemente pelo sucesso de "O Capital no Século XXI", de Thomas Piketty, a desigualdade de renda tornou-se uma grande preocupação tanto entre cidadãos quanto entre autoridades. Deu-se pouca atenção, entretanto, a uma questão relacionada, a da mobilidade de renda: a questão da probabilidade de alguém nascido de pais de baixa renda chegar ao topo na escada da renda.

Gostaríamos, todos nós, de acreditar que todas as crianças têm oportunidades iguais para se tornarem adultos bem-sucedidos e que sua capacidade e grandes esforços deveriam ser suficientes para levá-los ao topo. Empiricamente, no entanto, o que observamos?

Se dividirmos a população em cinco níveis de riqueza, uma mobilidade intergeracional perfeita implicaria que, independentemente do quintil ao qual seus pais pertencem, uma criança teria probabilidade de 20% de pertencer a qualquer quintil em sua vida posterior.

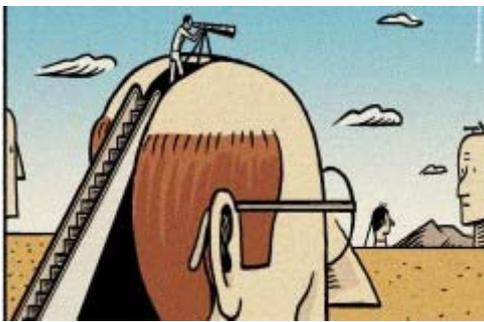
***A solução para aumentar a mobilidade de renda é a mesma que para muitos outros problemas da sociedade: um ensino melhor. Educação para famílias com poucos recursos (financeiros ou de outra natureza) para ajudá-los a ter o melhor início de vida***

A realidade, contudo, mostra que essa mobilidade intergeracional perfeita está longe da realidade na sociedade. Um documento de trabalho da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) de 2009 mostrou que a relação entre o histórico socioeconômico dos pais e os resultados educacionais e salariais dos filhos é positiva e significativa em todos os países nos quais há evidências disponíveis. A baixa mobilidade entre gerações é particularmente acentuada no Reino Unido, Itália, Estados Unidos e França. A mobilidade é mais alta nos países nórdicos, Austrália e Canadá.

A variação existe não apenas entre países, mas também dentro deles. Um recente estudo de Ray Chetty e outros pesquisadores (2014) mostra que os Estados Unidos são a "Terra da Oportunidade" apenas em poucas áreas geográficas concentradas. Por exemplo, a probabilidade de uma criança alcançar o quintil mais alto na distribuição de renda nacional começando de uma família no quintil mais baixo é de 4,4% em Charlotte, na Carolina do Norte, e de 12,9% em San José, na Califórnia.

Por que devemos nos importar com a mobilidade social? Em primeiro lugar, porque do ponto de vista dos cidadãos individuais, ficar amarrado por seu nascimento parece ser algo injusto. Em segundo lugar, do ponto de vista social, a baixa mobilidade social contribui para o risco de que indivíduos não concretizem plenamente seu potencial, o que levaria a um desperdício de talentos. E, em terceiro, a baixa mobilidade social parece estar associada a uma maior desigualdade geral. Por exemplo, como mostra o gráfico, o Brasil tem uma desigualdade de renda geral muito alta e uma mobilidade intergeracional muito baixa. Embora o país tenha conseguido grandes progressos na promoção da mobilidade social nos últimos anos, este gráfico mostra que ainda há espaço para melhorar.

Mesmo se assumirmos a posição de que a mobilidade social deveria ser um objetivo político, surgem várias questões. A primeira questão é: que grau de mobilidade social deveríamos almejar? A mobilidade de renda perfeita poderia parecer o objetivo correto, mas isso não é algo óbvio. Se a renda até certo ponto é determinada pela capacidade e a capacidade é



hereditária, então uma sociedade que garanta a perfeita igualdade de oportunidades se desviaria um pouco da mobilidade de renda intergeracional perfeita. O fato de a mobilidade de renda variar muito entre países indica que pelo menos alguns países poderiam melhorar a situação.

Segunda, como a atingimos? Quando examinaram os Estados Unidos, Chetty e os outros pesquisadores encontraram cinco características significativas que são persistentes em áreas de alta mobilidade: menos segregação racial e de renda entre bairros, melhor qualidade dos sistemas educacionais, melhores

níveis de envolvimento comunitário e de redes, menos desigualdade de renda e estruturas familiares mais fortes.

## Mobilidade social

Muito espaço para preencher



Vários estudos ressaltaram a importância do investimento em educação como ponte para uma maior mobilidade social. Vale destacar que a forma de financiamento da educação varia de forma considerável entre os países. Em muitos países europeus, é principalmente ou exclusivamente financiada pelo governo, enquanto nos Estados Unidos há um grande elemento de financiamento privado. Os dados nos Estados Unidos mostram que os que estão nos quintis de maior renda gastam mais na educação de seus filhos e que isso parece ser uma tendência crescente. Há evidências de que sistemas de créditos sustentados pelo governo para a educação terciária estão associados a uma maior mobilidade social, como indicado pela probabilidade de filhos de famílias em desvantagem concluírem seus estudos na educação terciária (OCDE, 2009).

Portanto, a solução para aumentar a mobilidade de renda acaba se revelando a mesma que para muitos outros problemas da sociedade: um ensino melhor. Além disso, isso significa uma educação direcionada a filhos de famílias com poucos recursos (financeiros ou de outra natureza) para ajudá-los a ter o melhor início de vida. **(Tradução de Sabino Ahumada).**

**Morten Olsen é professor de ciências econômicas na IESE Business School.**